



**Projeto Capim Limão em defesa da Reforma Agrária: enaltecendo os protagonistas, suas realidades e seus feitos na JURA**  
*Projeto Capim Limão in defense of the agrarian reform: praising the protagonists, their realities and achievements at JURA*

MACIEL, Isabela<sup>1</sup>; FERRER, Luisa<sup>2</sup>; PELLEGRINI, Marina<sup>3</sup>; MALDONADO, Tammy<sup>4</sup>; SANCHES, Thállita<sup>5</sup>

UFRJ; <sup>1</sup>isabelamaciel@gmail.com; <sup>2</sup>luisaferrer95@gmail.com; <sup>3</sup>biomarinapellegrini@gmail.com; <sup>4</sup>maldonado.tammy@gmail.com; <sup>5</sup>tsg\_br@hotmail.com

**Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar**

**Resumo:** A JURA é um evento acadêmico que conta com a participação da comunidade universitária em seu planejamento e realização. Buscando o aprendizado significativo e transformador adquirido por meio da vivência de experiências, na VI JURA o Projeto de Extensão em Agroecologia Capim Limão proporcionou uma jornada de imersão por diferentes realidades da reforma agrária, através da atividade de uma trilha ecopedagógica em sua área de experimentação de sistemas agroflorestais, com elementos representativos do cotidiano do MST e abordagem dos conceitos “Recuperação de áreas degradadas”, “Resistência biocultural através da soberania alimentar”, “Mulheres na Agroecologia” e “Serviços ecossistêmicos”, a fim de contribuir para a conscientização acerca da conjuntura agrária brasileira e ponderar a Agroecologia como alternativa da crise ecológica e social, resultando numa experiência marcada pelo intercâmbio de saberes entre os facilitadores e participantes nos espaços de discussão ao longo da dinâmica.

**Palavras-Chave:** agricultura; sociedade; agroecologia; resistência; sustentabilidade.

**Keywords:** agriculture; society; agroecology; resistance; environmental.

**Contexto**

A Jornada Universitária a favor da Reforma Agrária (JURA) é um evento nacional organizado em conjunto entre as universidades e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Criada em 2013 durante o 2º Encontro Nacional dos Professores Universitários, a JURA ocorre entre os meses de abril e maio em diversos institutos de ensino por todo país, sendo federais, estaduais ou particulares. O período de execução definido faz referência ao MST ter denunciado a impunidade do massacre de Eldorado dos Carajás, ação que resultou na morte de 19 trabalhadores Sem Terra, ocorrido no dia 17 de abril de 1996 no sul do Pará. Ademais, a JURA busca visibilizar as ações de luta pela terra que o MST realiza durante o ‘Abril Vermelho’, relacionando sempre com temas de conjuntura atual.

As atividades da jornada são diversas, abrangendo debates organizados nas universidades através de mesas redondas e palestras, até processos de vivência por meio da visita de jovens universitários a áreas de assentamentos, por exemplo. Além disso, são realizadas feiras da Reforma Agrária nas universidades, onde produtores e produtoras escoam suas produções, que incluem uma diversidade de produtos orgânicos até artesanatos e outras atividades culturais de valorização do



conhecimento ancestral e da troca de saberes. Em algumas universidades barracos de lona preta são montados a fim de reproduzir a principal marca dos acampamentos e sua luta, servindo como denúncia e consequente conscientização da sociedade acadêmica para a situação de vulnerabilidade de cerca de 120 famílias há mais de 15 anos, visando também enfatizar a urgente demanda de reforma agrária nas terras do Brasil e a importância da luta pela justiça socioambiental no campo brasileiro.

Em maio de 2019, na VI JURA, o Projeto de Extensão em Agroecologia Capim Limão desenvolve uma atividade cujo objetivo é expor para a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro o trabalho desenvolvido pelo MST e outras resistências sociais em relação a suas práticas agroecológicas, contribuição no caminho em busca da reforma agrária no Brasil e seus impactos na sociedade como um todo, principalmente nos meios de produção agrícola, por isso o título “Projeto Capim Limão em defesa da Reforma Agrária, enaltecendo os protagonistas, suas realidades e seus feitos na JURA”. Essa atividade foi uma imersão dos participantes na representação de uma vivência do cotidiano de agricultores e agricultoras por todo Brasil, protagonistas da luta social e imprescindíveis na constituição da Agroecologia, ciência que reconhece as linguagens de longa data dessa parcela social e busca restabelecer a comunicação com esta. A vivência serve de ferramenta didática para instaurar o conhecimento significativo e transformador do participante sobre as diferentes realidades e tomar ciência do papel das universidades em ressaltar e ressignificar a trajetória dos protagonistas do Movimento dos Sem Terra.

### **Descrição da Experiência**

A atividade dispõe uma proposta de vivência dos conceitos, numa dinâmica de caráter etnobiológico, constituindo a interdisciplinaridade através da associação de conceitos agroecológicos com cenários sociais. Visando estabelecer um diálogo de embasamento etnocientífico com os participantes, a vivência foi utilizada como ferramenta didática para ressignificar o conhecimento acadêmico em uma educação significativa e transformadora, visto que o público abrangido pela atividade era majoritariamente do meio universitário, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para isso, foram desenvolvidos pontos fixos ao longo de uma trilha ecopedagógica no espaço agroecológico chamado “Ocupação Verde”, local de experimentação de Agroecologia, recuperação de áreas degradadas e práticas pedagógicas de educação ambiental do Projeto Capim Limão. Um grupo composto de cinco participantes é orientado por facilitadores a encontrar estações sinalizadas pela fumaça de fogueiras presentes em cada um dos pontos. Se trata de uma jornada por quatro realidades da Agroecologia, onde é proposto que cada participante escolha um ser vivo para se identificar durante a atividade, com objetivo da desconstrução do “eu” e para provocar o sentimento de imersão em cada uma das quatro realidades, através da integração com a natureza presente no espaço, abordando os seguintes temas: “Recuperação de áreas degradadas”, “Resistência biocultural



através da soberania alimentar”, “Mulheres na Agroecologia” e “Serviços ecossistêmicos”, respectivamente.

Na primeira estação da trilha o facilitador aborda a sucessão ecológica, apresentando os participantes a três diferentes estágios sucessionais, a recuperação de solos, ressaltando a atuação primordial do MST na recuperação de áreas degradadas, proposta que deu origem ao Projeto Capim Limão e a contribuição desta prática para o avanço da Agroecologia.

A segunda estação era sinalizada por uma lona estendida em árvores para reproduzir a principal marca dos acampamentos do MST, os barracos ou assentamentos, elemento que representa uma realidade de luta e resistência. Os participantes eram abordados por um facilitador que interpretava um agricultor ou agricultora em situação de risco, seguido de uma discussão para provocar reflexões sobre a falta de soberania e segurança alimentar nas sociedades modernas dependentes dos meios convencionais de produção de alimentos, como esses termos surgiram e como são intrínsecos ao cotidiano.

Foram abordados temas como genocídio, etnocídio, bioterrorismo, sementes crioulas, plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Ao citar segurança alimentar, gera-se a discussão sobre os malefícios do uso de tecnologias químicas na comida e o consequente uso desenfreado de agrotóxicos que comprometem a qualidade de vida, trazendo exemplos atuais como a greve dos caminhoneiros ocorrida em 2018 para levantar o questionamento se cada indivíduo tem consciência do caminho do alimento que consome e a qualidade da produção, enfatizando como mesmo num sistema altamente mecanizado ainda há a dependência direta do que a terra produz, e por isso, deve haver o resgate efetivo da memória biocultural, para garantir que a os indivíduos tenham soberania sob a forma que se alimentam através do reconhecimento da importância do conhecimento do solo, papel dos produtores, sementes crioulas, enfim da preservação ambiental à promoção da qualidade de vida, que fundamenta a Agroecologia. Encerrada a discussão, são distribuídas fichas elaboradas a partir do livro “Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil” de Valdely Kinupp e H. Lorenzzi (2014), nas quais estão descritas PANCs presentes e sinalizadas na estação para que os participantes sejam capazes de identificar de forma autônoma as espécies descritas, buscando sensibilizar o olhar do indivíduo para espécies alimentícias que não estão acessíveis nos meios de comercialização convencionais mas que possuem tantos usos culinários e medicinais descritos desde povos ancestrais.

Na terceira estação, foi ressaltado o protagonismo das mulheres na militância e na Agroecologia. O valor do saber ancestral e sua transmissão ao longo das gerações, que são resgatados na simbologia empírica tradicional da mulher camponesa como responsável pela fertilidade da terra, guardiã de sementes crioulas, o conhecimento da cura pelas plantas medicinais, que acompanha o ciclo de reprodução das plantas juntamente com seus ciclos reprodutivos femininos e os ciclos da Lua que influenciam plantios, assim associando ferramentas essenciais para um



entendimento etnobiológico dos ciclos naturais. Para causar o impacto de vivência, a facilitadora interpretava quatro personalidades femininas do campo, captando os participantes através do compartilhamento de um chá durante discussões sobre plantas medicinais, de indagações e cartazes com dados de renda de mulheres no MST, taxas de feminicídio, buscando enfatizar a luta e embasar a importância do feminismo na Agroecologia criando um ambiente educativo vivo, composto de diálogo, trocas e experiências. Ainda para contribuir com a vivência, foi realizado um plantio simbólico de mudas de plantas medicinais e aromáticas em uma espiral de ervas.

Na última estação foram apresentados os serviços ecossistêmicos através da relação deles com atividades do MST. Foram estes: Serviços de Provisão, os produtos obtidos a partir dos ecossistemas; Serviços de Regulação, que compreende os benefícios obtidos de processos naturais reguladores das condições ambientais; Serviços Culturais, os feitos intangíveis de natureza educacional, recreativa, estético-paisagista, etc.; Serviços de Suporte, que contribuem para a produção de outros serviços ecossistêmicos. Foram elaboradas fichas com a associação de cada um dos serviços ecossistêmicos com notícias relacionadas ao MST realizando tal serviço, apresentadas na chamada “teia de saberes”, uma ferramenta de exposição didática confeccionada pelos membros do Projeto Capim Limão para esta atividade, onde as fichas são dispostas na teia, que é feita de galhos e barbante entre árvores a fim de representar a importância da integração de todos os agentes ecológicos na perspectiva sustentável. A todo momento é exposto o que motiva a criação desta estação, com objetivo de desmistificar a imagem criminalizada do movimento social e ressaltar seu papel no cenário agrário brasileiro através da partilha de informação.

Sendo este o último ponto fixo do percurso da atividade, é instaurado um momento de debate coletivo para síntese das experiências e é entregue aos participantes uma ficha de avaliação da atividade, utilizando a metodologia “que bom, que pena, que tal”, a fim de abrir um espaço de sugestões e troca de saberes acerca da construção de uma atividade que apesar de abranger majoritariamente o universo acadêmico, dialoga com diversas fragilidades sociais.

## **Resultados**

Nas fichas de avaliações que foram desenvolvidas pelo projeto e preenchidas anonimamente pelos participantes ao término da atividade, foi abordada a metodologia “que bom, que pena, que tal”, a fim de ressaltar pontos positivos, negativos e sugestões, com uma avaliação numérica de 0 a 10 e um item de sim ou não sobre a atividade ter sido o primeiro contato do participante com Agroecologia, para avaliar se a dinâmica agregou pessoas de fora dessa área de estudo, a fim de garantir que a ação de extensão seja realizada. Totalizando 16 formulários de avaliação preenchidos, a média das avaliações foi de 9,5. Muitos elogios e relatos de que a experiência foi um caminho de descobertas e sensações, impressões de reconhecimento, resistência e acolhimento. Alguns comentários de gratidão pela



atividade ter sido feita em ambiente externo, na Ocupação Verde, apesar de alguns pontos negativos terem surgido a respeito da presença de mosquitos. Além disso, sugestões de articular melhor um fichamento da atividade ao final da trilha, concluindo e ressaltando o fio condutor de toda a dinâmica. A maioria dos participantes já havia tido um primeiro contato com Agroecologia, muitos deles por outras atividades proporcionadas pelo projeto Capim Limão.

A atividade num geral foi muito positiva para os participantes e para os facilitadores, uma prática de imersão em diferentes realidades, espaços acolhedores de conexão direta com a natureza, troca de saberes através das discussões.

### **Agradecimentos**

Agradecemos e dedicamos essa atividade aos camponeses que diariamente vivem a luta.

### **Referências bibliográficas**

KINUPP, V. F; LORENZI, H. 2014. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 768p.